

Menina de Val-de-mil — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Pedroso

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid. pag. 298)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

XVI

PAIXÃO EM FLOR

Em quanto o portuguez velho do nosso honrado capitão-mór se anda com o futuro genro lá por essas provincias a emprehender chãmente um heroico atrevimento, que faz em Lisboa a morgadinha?

Lembrado está seguramente o leitor de como, por intervenção do ministro Herman, o visconde Léon de Beaucigny ficára aboletado em casa do desembargador, sem respeito aos foros da toga. Não ha de ter esquecido tambem a leitora a singular turbação, que a presença do moço official suscitára no espirito juvenil de Ignez. Escusado será, pois, dizer o que este interior sobresalto exordiava. Quem não o percebeu?

Com ser nova a sensação, era tanto menos combatida, quanto mais entrevista e scismada fôra nas vagas perspectivas de uma ardente phantasia.

Na noite que seguiu aquelle primeiro e fugitivo encontro, não pôde a pobre donzella um instante conciliar descanço, e em leito de rosas se aninhava ainda!

Que differença, porém, entre esta insomnia e a que na casa paterna a desvelára á chegada do doutor!

Agora, como então, surgia-lhe diante dos olhos uma imagem obstinada; mas tanto aquella tinha de antipathica e repulsiva, tanto esta lhe era toda seducções e enlevos.

No calice das flores muitas vezes se occulta um verme. Um verme tinha já em si esta flor de esperança, ainda mal desabrochada.

Era o verme um pensamento cruel, que se insinuára entre as risonhas imaginações de Ignez, e lh'as remordia sem piedade. O official, na vespera, nem por ella parecêra dar!

Arguia-lhe já a dor d'esta offensa immerecida, como se não bastára para desculpal-o a fraqueza e o padecimento!

Se o gentil moço não tivesse olhos para atravessar a sombra, que em tôrno da sua viçosa mocidade, lhe fazia a sagaz experiencia da prima? Não era preciso mais incentivo do que este para estimular uma inclinação!

Facil é imaginar até onde lhe subiria com similhante idéa o instincto da rivalidade, e como taes apprehensões contribuiram para lhe esconder as memorias já confusas do passado, e de todo calar as importunas vozes, que lhe susurravam na consciencia.

Pensou, pensou muito n'aquella noite a morgadinha. Que não pensa em taes occasiões uma donzella namorada? Pensou, pensou, e de tanto pensar occorreu-lhe que as janellas do quarto dos hospedes, no piso inferior, onde provavelmente fôra alojado o official, davam para o jardim, para onde as suas deitavam tambem.

Tão cedo como luziu a alvorada, não pôde resistir á tentação de abrir uma fenda da janella subtilmente, bem subtilmente, tão subtilmente, que mais ruido lhe fazia o coração no peito.

Abriu e olhou...

Para que? Nem ella mesma sabia. Era uma acção machinal. Os canteiros do jardim mal se divisavam á luz crepuscular. Da escuridade opaca dos caramanchões como que lhe sorriam os jasmineiros. Propicia vista, não?

Cerrou a janella, e tornou a encostar-se, lastimando a extensão d'aquella noite sem fim. Quiz orar, quiz distrahir-se, quiz adormecer, para encurtar o tempo. Era lá possivel! Fugira-lhe o somno com a tranquillidade. São raras estas vigilias na juventude. Mas quando vem...

Sem embargo voaram as horas, como de costume, tardas ao desejo, rapidas ao gozo. Clareou o dia, e com elle appareceu a morgada, em vez de pallida, como se poderia crer, florida e rosada que nem a mesma aurora. Nacarava-lhe finamente o jaspe das faces a chamma que de dentro lhe vertia rubores. Amanhecia-lhe na alma um astro como o que arraiava no ceu. Desbotoava-se-lhe em fim o coração com a primavera.

Foi breve, e mais que de ordinario apressada, a collação matutina da familia. As duas primas saudaram-se com toda a exaggerada affectuosidade do seu mutuo rancor. O official estava ainda recolhido. Ordenára o desembargador que de tudo o que necessitasse o provesse no seu quarto o criado, que para tal serviço especialmente lhe destinára. O seu melindroso estado justificava estas disposições.

D. Maria aquella manhã pouca attenção deu á morgada, porque toda estava nos atavios.

Chegou finalmente o instante de partir para o cobiçado convite. Ignez viu-a sair com indifferença, — direi mais, com alvoroço. Eram umas tantas horas de quasi liberdade. Que de coisas não podem acontecer n'este intervallo!

Por sua parte, a mulher do desembargador ia brilhar sem receios de competencia. Não lhe lembrou mais nada.

Estava lindo o dia. Ignez quiz ir logo espairecer ao jardim. Conteve-se porém — pôde conter-se ainda. Subiu ao seu quarto, e, para illudir as impaciencias, poz-se a corrigir e aprimorar o vestuario, como se tivera tambem uma festa. E não tinha? a melhor?

De certo a prima não esmerára as suas custosas galas com mais preoccupado empenho.

Onze horas seriam, pouco mais ou menos. Desceu a donzella com o pretexto de ir tratar as suas rosas e rainunculos. Nada mais natural. Tinha já passado tempo sufficiente para não provocar nenhuns reparos, parecia-lhe ao menos. E depois... depois o official já por força estaria, não só desperto, mas seguramente erguido, porque a manhã convidava um convalescente.

Não vá agora o leitor fazer juizos temerarios, nem ter em menos conta o recato e educação da formosa menina. Não levava ella outra idéa, que não fosse vel-o ou ser vista. E, em boa verdade, nem essa mesma posso jurar que levasse bem formulada e definida. Ia aonde a attrahia aquelle secreto impulso, que mal sabia apreciar.

As janellas do official estavam inexoravelmente fechadas. Ter-lhe-hiam dado outro aposento? Não ousára perguntal-o a morgada, e apertava-se-lhe o coração de ver a realidade corresponder tão mal ás suas conjecturas. Entretanto não desistiu do passeio explorador. Nunca ella tivera tanto cuidado nos seus alegretes, nem visitára os canteiros tão minuciosamente, e com tão inquieta vivacidade. Aqui para nós, leitora, de involta com este exame o raio visual, do modo que se sabe, obliquava frequentemente para outra parte.

Baldado tudo. Ninguem dava signal de si.

Seguiu-se um desalento cortado de irritações. Frustradas assim as illusões da expectativa, ora parava junto a um vaso, contemplando sem ver, ora vagueava a passos lentos, como nympha esquecida e melancholica, alongando os olhos ao azul do ceo por entre o verdor das arvores, como se em remotas alturas buscasse as esperanças fugitivas da terra.

No melhor d'esta indefinida suspensão, um rumor vulgar, vulgarissimo, chamou a donzella a superiores realidades. Abrira-se em fim uma janella...

E digam lá que ha objectos inaccessiveis á poesia! Tudo depende da occasião. Que coisa mais trivial e prosaica do que ouvir correr uma vidraça? Todavia, isto bastou para agitar Ignez da commoção mais desusada. Alvoroçou-se-lhe o coração como se lhe quizera saltar do peito, e, tanto mais sobresaltada quanto menos contava já com tal incidente, voltou-se... sem saber o que fazia.

O que viu pagou-a de todas as suas tormentosas alternativas. A janella era, com effeito, a do quarto dos hospedes. Assomado a ella estava o mancebo, fitando-a transportado com uma expressão tão admirativa, que mais se podia tomar por extasis.

Cruzaram a vista os dois, e Ignez sentiu como um estremecimento electrico. Inclinou-se o mancebo saudando-a, e tentou formular um comprimento.

Não podia Ignez comprehender as palavras. Mas para que era preciso? Estavam já de complicidade os olhos. Estavam, e tanto, e tanto, que a morgadinha fugiu com um grito de ave espavorida, escondendo nas mãos o vivo fogo das faces. Correndo trémula a fechar-se na sua camara, ahi desafogou em torrentes de lagrimas aquella oppressão de jubilos.

Por que se aljofram sempre de prantos as alegrias dos primeiros amores, á similhança das plantas que o orvalho fecunda? E que chora n'ellas? chora a innocencia, ou chora a paixão?

Chorou longamente Ignez, mas chorou como chove no estio, com um raio de sol a doirar o aguaceiro. Arfava-lhe precipitado o seio: levantava, porém, estas ondas uma deliciosa tempestade. Revia por entre as lagrimas, não já o mancebo, mas a elo-

quente attitude d'elle, e toda se lhe rendia em gratidão. Se era verdadeiramente o primeiro triumpho! Uma noite apenas era passada. Que de caminho percorrido n'uma só noite!

MENDES LEAL JUNIOR

THOMAZ ANTONIO DOS SANTOS E SILVA

(Vid. pag. 102)

IV

As memorias tradicionaes que conservo ácerca de Santos e Silva, colhidas nas relações de pessoas que com elle conviveram nos derradeiros annos de sua vida, são em demasia vagas, e ás vezes incertas no tocante aos successos occorridos nos periodos anteriores. Para seguir o fio dos acontecimentos tive de soccorrer-me a inducções mais ou menos provaveis, tiradas de um ou outro passo dos seus escriptos, aliás mui deficientes n'estas particularidades.

Assim, não sabendo determinar com certeza o anno da vinda do poeta para Lisboa, creio comtudo que não me afastarei muito da verdade, indicando como tal o de 1781. Contava elle então os seus trinta, ou pouco mais. Ignoro tambem quaes fossem precisamente as esperanças que se lhe frustraram, depois de passar pelas humilhações proprias do triste papel de requerente, que representou na corte, até que desenganado se accommodou por fim como official em uma botica na rua de S. Paulo.

Foi pouco mais ou menos por essa epocha que elle entregou ao prelo a primeira publicação poetica de que alcancei noticia: uma « Ecloga de Balbino e Lilia, » impressa em 1783, em folheto de quarto, que bem poucos terão visto. A poesia campestre andava n'aquella quadra mui valida, graças aos idyllios do amenissimo Quita, que a morte arrebatára alguns annos antes; e mais ainda ás eclogas de João Xavier de Mattos, poeta popularissimo, cujas producções correndo toda Lisboa no pregão dos cegos ambulantes, eram lidas e decoradas com avidez, e o auctor proclamado por excellencia o principe dos bucolicos da sua edade!

Uma vida de servidão, mais que laboriosa, e retribuida com mesquinhez, que não distaria muito da miseria, devia tornar-se de força insupportavel ao nosso setubalense. Resolveu elle abrir mão da pharmacia por uma vez, e procurar outro mister, mais adequado ás suas inclinações. Saindo da botica, tratou de alugar um quarto nas proximidades da casa da Moeda; e ahi, provavelmente favoneado pelo credito de alguns amigos, estabeleceu uma aula de inglez e francez. Não teve de arrepender-se, porque a concurrencia e aproveitamento dos discipulos começaram em breve a justificar a proficiencia do mestre.

Era por aquelles tempos emprezario e director do novo theatro do Salitre Antonio José de Paula, a quem a fama se compraz de celebrar como uma das nossas notabilidades dramaticas, não só entre os seus coetaneos, mas ainda entre os que o precederam e seguiram no periodo de muitos annos. Por seus cuidados e esforços a scena portugueza, surgindo do mais lastimoso abatimento, obteve elevar-se a um estado florescente, do qual voltou a decaír irremediavelmente pela perda prematura do seu restaurador. Este homem, pois, travára entretanto relações de amizade com Santos e Silva, e conhecedor do seu talento tratou de persuadil-o a que se applicasse á poesia dramatica. Acceitou aquelle o alvitre, e para logo provou forças na composição de alguns dramas e comedias, que o seu amigo fez representar, e que foram recebidos com applauso. Animado pela boa sombra e acolhimento do publico, o poeta deu-se pressa em ceifar novos louros, e continuou a abastecer o theatro de novas producções, das quaes algumas originaes, outras imitadas ou traduzidas dos mais celebres dramaturgos estrangeiros. Taes fadigas eram coroadas pelo successo; e com o producto de seus dramas, reunido aos honorarios das lições que não descontinuára de dar a seus discipulos, tirava Santos e Silva os meios sufficientes para viver em decente mediocridade.

D'estas composições existiam apenas na occasião da sua morte, ineditas e originaes, segundo as informações que obtive: « O condestavel D. Nuno Alvares Pereira » — « A conquista de Ceuta » — « A restauração de Pernambuco » — « A Madrasta » — « Egas Moniz » — « Vasco da Gama » — « O ministro syndicante » — « O inimigo das mulheres » — « As irmãs rivaes » — « O magico em a locanda » — E traduzidas: « O emprezario de Marselha » — « A condessa de Gyvry » — « O matrimonio em mascara » — Davam-se já então por perdidas muitas outras, entre ellas « Zemira e Azor » — « Bohemundo » — « Guiomar » — « O governador dos Alpes » etc. Hoje creio que difficilmente se achará noticia de qualquer d'ellas: e pela minha parte devo declarar que de todas só consegui ver até agora « O condestavel, » de que o acaso me deparou uma antiga copia, ainda não ha muito tempo.

V

Grande era a reputação que Santos e Silva grangeára como poeta e auctor dramatico, para que o seu nome escapasse aos fundadores da ephemera associação poetico-litteraria, que, sob a denominação de Academia das Bellas-Letras, se instaurou em Lisboa, no anno de 1790, e que viu, por algum espaço, reunido no seu gremio tudo o que havia na corte de mais escolhido entre os que se jactavam de favorecidos das musas. De que pertencêra a esta sociedade nos deixou elle testimunho indubitavel no rosto do volume que, em 1792, deu á luz, com o titulo de « Estro de Thomaz Antonio, etc., no qual incluiu o poema da « Sepultura de Lesbia, » com a selecção de outras rythmas que até então compozera.

Nas intrigas que a discordia começou a fomentar, dividindo os academicos em parcialidades, e convertendo-os de consocios e amigos em adversarios rancorosos, que a final tiveram de separar-se, perdidas as esperanças de paz e reconciliação, Santos e Silva agrupou-se do lado de Bocage, que, além de patricio, era tambem seu amigo, não sei se do tempo em que um e outro conviveram na patria commum, se por virtude de conhecimento e relações mais recentes, contrahidas, talvez, já depois que Manuel Maria regressára a Lisboa, vindo da India.

Declarando-se partidario d'aquelle nas contendas academicas, Santos e Silva concitou contra si as iras de José Agostinho, que capitaneava a parcialidade contrária, e que se mostrava implacavel para com todos que recusavam reconhecer a sua aliás disputada supremacia. O infeliz Tomino (era o nome anagrammatico que Thomaz Antonio adoptára para si no seu arcadico baptismo) ficou sendo, em quanto viveu, uma victima expiatoria, consagrada á vingança de Macedo. D'ahi a multiplicidade dos ditos satyricos e insultuosos, e de não poucas allusões malignas, que a seu respeito se encontram nas obras d'este, e talvez menos nas impressas, do que em certo poema inedito, onde lhe deu logar, collocando-o na

primeira plana dos seus heroes burlescos: procedimento em verdade pouco generoso, se attentarmos a que se dirigia contra um individuo inoffensivo, que, além do respeito que costuma conciliar o infortunio, tinha por si merito e qualidades reaes, que bem podiam inspirar sentimentos mais nobres a seu gratuito adversario.

VI

A fortuna, tantos annos conjurada contra o malfadado poeta, como que consentíra em illudil-o por algum tempo com as auras da bonança, para mais cruamente o mergulhar de todo no pelago de novas, e sempre crescentes desventuras. Achou-se repentinamente accommettido de uma terrivel e pertinaz ophtalmia; falto de recursos para combater a molestia, e ainda mais segregado do agasalho da familia, ou da companhia de pessoas que por elle velassem para administrar-lhe os remedios e confortos necessarios em tão arriscada crise. Teve pois de valer-se da caridade publica, buscando no hospital de S. José o abrigo de que carecia, e ahi entrou a 17 de Dezembro de 1798. [1] Conduzido para a enfermaria denominada de Santo Antonio, n'ella jazeu durante muitos mezes no leito da dor, onde o seu estado peiorava de dia em dia, apesar dos soccorros da sciencia, caindo a final em completa cegueira, que os medicos capitularam de incuravel.

N'esta infelicissima situação, desvalido, valetudinario, perdida a luz do dia aos quarenta e cinco annos, e condemnado a passar nas trevas os restantes de uma vida amargurada, qual a sorte futura do miseravel que sentíra esvaecer-se com o ultimo golpe todo o vislumbre d'esperança? Vel-o-hiam talvez arrastar-se de porta em porta, estendendo mãos supplicantes para mendigar o pão quotidiano, se a providencia não movesse em seu favor o animo compassivo do monsenhor D. Lourenço de Lencastre, enfermeiro-mór do hospital. Este fidalgo condoendo-se da desgraça do poeta, cujo talento apreciava, resolveu suavisal-a do modo possivel, concedendo-lhe habitação permanente no proprio estabelecimento.

Destinou-lhe um quarto separado na extremidade da enfermaria de S. Lazaro (para o qual passou a 10 de dezembro de 1800), e mandou fornecer-lhe rações diarias, a elle e a um criado que o acompanhasse e servisse. Diz-se que, menos attento do que o são de ordinario os seus eguaes aos preconceitos da nobreza, não se dedignava de visitar a miudo o pobre cegò no seu aposento mesquinho, para levar-lhe palavras de consolo, e entreter-se com elle em praticas amigaveis.

Favorecido com tal soccorro, e apoiando-se nos dictames de uma solida philosophia, Santos e Silva teve coragem e resignação sufficientes para conformar-se com os rigores do destino. Parece até que a sua imaginação cobrára maiores forças, pois são d'esse periodo as suas melhores poesias. Impossibilitado de consultar livros, e obrigado a aproveitar-se de amanuenses taes quaes podia havel-os, isto é, quasi sempre ruins, e ás vezes pessimos, é facil de ajuizar o trabalho que deveriam custar-lhe as suas composições.

E não foram poucas as que mandou para o prelo, e mais ainda as que por circunstancias teve de deixar ineditas. Logo em 1801 fez imprimir na officina do Arco do Cego uma pequena collecção dos seus versos, que mais tarde, em 1806, appareceu reproduzida e notavelmente augmentada em um volume de perto de 400 paginas, com o titulo « Poesias originaes e traducções. » A este deviam seguir-se mais tres tomos promettidos; e a promessa seria de certo cumprida, se a invasão franceza do anno seguinte, e successos subsequentes não fizessem addiar indefinidamente a sua execução, por modo que jámais se realisou. Porém a falta da publicação d'esses tomos como que foi supprida pela multidão de folhetos, e versos impressos avulsamente, suscitados pelas occurrencias do tempo, a proposito dos acontecimentos notaveis da guerra da independencia, ou destinados a celebrar diversas personagens, que n'elles intervieram. A enumeração de todos seria aqui fastidiosa por extensa, e talvez deslocada. Reservo-a para logar competente do « Diccionario Bibliographico » onde darei d'elles conta circunstanciada.

Tambem data do principio d'este periodo, isto é, de 1803, segundo creio, a composição da tragedia « D. Sebastião em Africa », pôsto que só impressa posthuma em 1817.

A famosa batalha dada em Austerlitz a 2 de dezembro de 1805, que parecia rematar a gloria de Napoleão I, por quem todos esperavam ver então consolidada a paz geral e o socego da Europa, segundo as suas ostentosas declarações, despertou o enthusiasmo de Santos e Silva; e inspirou-lhe o pensamento de brindar a sua patria com uma nova epopéa, cujo assumpto fosse a referida batalha, e a victoria das armas francezas. N'este projecto não havia que notar nem sombra de culpa, á face do mais puro patriotismo; pois que entre as cortes de Lisboa e Paris reinava a mais cordial harmonia, e mal podiam prever-se as eventualidades que se apparelhavam, e quaes os destinos que o imperador dos francezes reservava a Portugal. Começou pois Santos e Silva o seu poema, que intitulou « Napoleada, » por elle dedicado (segundo affirmavam os que o viram) ao principe regente, depois rei D. João VI. Chegára com a composição ao canto undecimo, quando Junot invadiu Portugal á frente das suas tropas. Então o poeta, que amava muito a patria para cantar os que pretendiam opprimil-a, supprimiu para logo a sua obra, que só depois da restauração, por um esforço do genio quasi incomprehensivel no seu estado, refundiu e acabou, mudando completamente a acção, sob o titulo de « Brasiliada. »

(Continúa) INNOCENCIO F. DA SILVA

MARINHA DO TEJO

(Vid. pag. 83)

VARINO E MONAIO

Depois dos botes são os varinos os que em maior numero sulcam o Tejo. Esta denominação que elles tem no vulgo não vem em nénhum diccionario da lingua, e tambem na repartição do imposto que elles pagam em Lisboa tal se lhes não chamam, mas *aveiros*, nome generico para todos os barcos que vem do districto de Aveiro. Estão actualmente registados e avençados na repartição municipal de Lisboa 431 varinos ou aveiros.

O monaio é uma especie de varino da mesma procedencia, mas tem diversa armação, como bem mostra o que está desenhado na estampa, ao mar do varino.

Pela seguinte curiosa estatistica, que na citada repartição nos ministraram obsequiosamente, vemos que a marinha do Tejo se compõe ao presente de 1143 vélas.

[1] Esta, e outras datas de que me servirei no resto do presente esboço, podem reputar-se authenticas, por serem fielmente transcriptas dos respectivos assentamentos, existentes no livro das entradas do hospital; d'elles obtive ha pouco uma copia, devida ao cuidado e boa diligencia do meu prestavel amigo e patricio do poeta, o sr. João Carlos de Almeida Carvalho. Do proprio assentamento consta que Thomaz Antonio fôra baptisado na freguezia de S. Julião de Setubal, e que eram seus paes Antonio dos Santos e Francisca Ignacia.

LOGAR DA AMARRAÇÃO	DENOMINAÇÃO DAS EMBARCAÇÕES								
	Aveiros	Bateiras	Barcos	Barcos de moinhos	Bateis	Botes	Faluas	Fragatas	Total
Abrantes	190	»	»	»	»	»	»	»	190
Alcochete	8	»	6	»	»	1	5	»	20
Aldea-gallega	3	»	3	»	1	35	9	»	51
Alhos Vedros	»	»	1	»	»	1	1	»	3
Amora	»	»	»	»	»	4	»	»	4
Arrentella	»	»	»	»	»	2	»	»	2
Alcantara	4	»	»	»	»	2	»	»	6
Alfama	3	»	»	»	»	16	»	»	19
Barreiro	»	»	1	»	»	19	2	1	23
Boa-Vista	24	»	»	1	»	4	»	8	37
Belem	»	»	»	»	»	28	»	»	28
Barquinha	75	»	»	»	»	»	»	»	75
Constança	51	»	»	»	»	»	»	»	51
Caes Novo	»	»	»	»	»	1	»	»	1
Chamusca	5	»	»	»	»	»	»	»	5
Caes do Sodré	43	»	3	»	»	85	»	20	121
Caes do Tojo	30	»	1	33	»	12	»	28	104
Caes da Pedra	22	»	1	»	»	88	1	38	150
Cascaes	»	»	1	»	3	»	»	»	4
Cacilhas	»	»	»	»	»	30	»	»	30
Fundição	»	»	»	»	»	13	»	3	16
Junqueira	»	»	»	»	»	1	»	»	1
Moita	»	»	4	»	»	6	»	9	19
Paço d'Arcos	»	4	3	»	»	1	»	»	8
Porto Brandão	»	»	1	»	4	21	»	»	26
Lavradio	2	»	1	»	»	»	»	»	3
Pampulha	»	»	1	»	»	11	»	2	14
Samoco	»	»	»	»	»	1	»	»	1
Trafaria	»	»	»	»	»	5	»	»	5
Praia de Santos	»	»	»	»	»	2	»	1	3
Tercenas	»	»	»	»	»	»	»	1	1
Ribeira nova	1	»	»	»	»	73	»	»	74
Terreiro	»	»	»	»	»	5	»	»	5
Seixal	»	»	»	»	»	43	»	»	43
Somma	431	4	27	34	8	510	18	111	1:143

AS ROSAS ENCANTADAS

CONTO PENINSULAR

IV

(Vid. pag. 375)

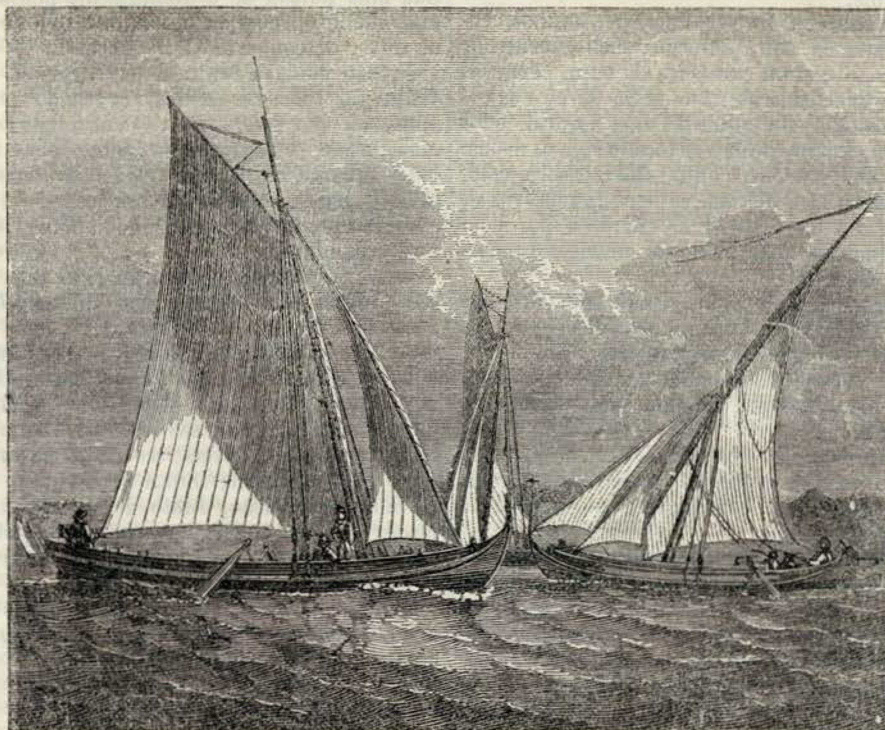
Isabel, na edade credula para os vaticinios, e confiada até no sobrenatural, ouvira a narração da mãe Candelaria com grande interesse. Pela primeira vez observou que os massiços torreões do visinho castello se levantavam sombrios e ameaçadores, e que entre as fendas se ouviam ruidos estranhos, o ruge-ruge das cobras ao passar pelos descarnados ladrilhos, o grito dos mochos, e o silvo compassado e monotono de aves nocturnas.

A pobre menina sentiu um medo frio e trémulo. Por entre as sombras das quebras do muro, d'entre a vegetação dos campos, julgou ver saír anãos, gigantes, phantasmas, monstros alados, e logo encaminhou-se para casa, sem olhar para traz.

Á medida que a pobre da mocinha avançava, parecia-lhe que em seu seguimento vinham exercitos de duendes com pernas e braços descommunaes, sentia-lhes os passos na areia, e tapou as orelhas para lhes não ouvir os horriveis gritos. Apressou o passo, correu. Os espiritos alados e os espectros correram após d'ella; quasi a seguravam entre as garras, apagavam-lhe as pégadas, pisavam-lhe os vestidos.

Isabel gritava, corria, voava... Turvou-a uma vertigem; tinham-lhe agarrado os cabellos, a cintura, todo o corpo... e caiu desmaiada nos braços do velho pae, que acudira a seus gritos.

Em breve tornou a si, e com Pero Antunez zombou do seu medo, e do mundo de phantasmas que a imaginação lhe creára.



Varino e Monaio

Ás onze horas d'aquella noite, Pero Antunez e sua filha estavam adormecidos; elle tranquillamente, ella perseguida pela imaginação: a final, despertou presa de um angustioso pesadelo. O calor suffocava-a.

Isabel ergueu-se, e ligeiramente vestida, saiu a passear pelo jardim. Tão certo é que para a dor só se encontra allivio na mesma dor. E da mesma fórma para o medo. Isabel queria convencer-se de tudo, ou arrostar qualquer perigo.

A noite conservára-se tranquilla; apenas algumas nuvens turvavam a atmosphera. Era profundo o silencio.

Isabel vestia de branco, solto o cabello de oiro. No seu passo havia ardor febril; e á proporção que avançava no jardim, resfriava-lhe o corpo, e vergavam-lhe os joelhos.

Soou a meianoite! Meianoite, e vespera de S. João!

Á imaginação de Isabel vieram todas as memorias das crenças populares. Parou em frente do luxuriante canteiro para ouvir a hora, e contou-a até que se perdeu o ultimo som nas ondas do vento. Depois viu saír das flores um vapor branco e luminoso, como o da luz d'alva que despede voluptuosa claridade; atraz do vapor, como a chamma solta da vela, assomou, por encanto, um negrinho de rosto prazenteiro e formoso, e que nenhum terror inspirava; trazia na mão direita um açafate de fio de oiro, cheio de rosas de Alexandria recemcortadas, e na esquerda um cesto de filigrana, contendo maçãs de appetecivel encanto.

Isabel, sem saber por que, não se assustou.

— Escolhe, meu anjo, — disse o negrinho, offerecendo-lhe ao mesmo tempo, e com a maior delicadeza, o açafate doirado e o cesto de filigrana.

Estavam tentadoras e odoriferas as maçãs: era a fruta de que mais gostava a pobre menina, e a que menos comia, por ser cara; olhou-as com avidez, mas venceu-se, e tomou uma rosa.

— Tudo é teu, — exclamou o pretinho, com mal dissimulada alegria; até ámanhã á noite, á mesma hora. Adeus. — E, entregando-lhe o açafate, desappareceu, deixando embalsamada a brisa da noite.

Isabel retirou-se pensativa, adormeceu profundamente, e sonhou que era rainha em terras estranhas, onde os palacios tinham paredes de cristal e portas de rubis.

Apenas amanheceu, foi ver o açafate, para se certificar do sonho da noite anterior, mas encontrou, com surpreza, o cesto á cabeceira do leito, com a só differença de que todas as rosas eram de oiro salpicadas de perolas, á excepção de uma natural, odorifera e fresca, a que ella havia tocado com os dedos.

Isabel chamou seu pae, contou-lhe o caso, e este, para se certificar, sem dúvida, colheu algumas rosas, e levou-as a um oirives que as comprou por bom preço, exaltando-lhe o trabalho do metal, e o tamanho das perolas.

Pero Antunez parecia louco com tanto oiro nas suas mãos; abraçava a filha, e promettia-lhe mais louçanias que póde sonhar uma rainha.

Isabel, á meia noite seguinte, viu de novo o negrinho, que lhe appareceu e fallou com summa discrição e cortezia.

Mas qual foi o pasmo dos forasteiros, observando que as rosas de oiro e perolas, apesar da colheita, não haviam diminuido, e a natural não murchára! Verdadeira maravilha!

Tudo em casa mudou com tão inesgotavel thesouro; Pero Antunez e sua filha offuscaram rapidamente todos os ricos de Granada; e a mocinha, d'antes desconhecida e desprezada, foi então a mais requestada senhora, pelo esplendor e formosura sem eguaes.

A casa estava magnificamente adornada; posto que não tamanha qual á sua nova perfeição convinha, Isabel quiz permanecer n'ella, para não faltar aos convites do negro encantado. Ambos conservaram mutua confiança, sentavam-se já nos bancos do jardim, como dois alegres meninos; apertavam-se as mãos, e fallavam de innocentes e castos amores. Isabel já não estava triste, nem sentia a vaga inquietação na alma; esperava com anxiedade a hora de ver o seu negrinho, e sentia-se enlevada ao seu lado.

Notou-se na cidade, pois tinham sempre os olhos na gentil donzella, que, por magnifico e esplendido que fosse um baile, antes de soar a meia noite, desapparecia Isabel, acompanhada de seu pae, para se fechar em casa, e não deixou tambem de alimentar as murmurações dos visinhos que, apesar dos seus verdes annos, e de gozar de todas as distracções, não lhe designassem um amante sequer, posto que fossem infinitos os apaixonados.

Um libertino d'aquelles tempos, D. Cesar de Toledo, propoz-se render a fortaleza que todos haviam sitiado baldadamente, e, em homenagem á verdade, diga-se que antes mirava ao espolio do que á gloria. Era o emprehendedor, mancebo, galan, valente, gastador, por extremo formoso, dado tambem ao jogo e ás mulheres, e corrompido de alma como poucos. Ao cabo de alguns dias Isabel preferiu-o aos outros adoradores que, como sempre acontece, eram uma turbamulta de nescios.

De taes artificios se valeu D. Cesar de Toledo, tantas provas venceu, e com tamanha constancia poz mão n'aquelles amores, que concluiu por enamorar-se perdidamente da *estrella oriental*, como elle denominava Isabel.

As paixões são contagiosas, segundo diz o povo, e a gentil filha de Pero Antunez de ouvir e ver continuamente D. Cesar, principiou a querer-lhe com a paixão frivola que as meninas tomam ao primeiro adventicio.

Dentro em pouco, o cavalleiro pediu Isabel em matrimonio com o ceremonial então usado pela aristocracia hespanhola.

Pero Antunez, em quem sobejava boa fé e sinceridade, julgou-se mui honrado, e ficou para logo mais louco que o noivo, vangloriando-se prematuramente do appellido illustre que usariam os netos. Sua filha pulava de contentamento pensando no seu matrimonio, precursor de tantos festejos e de uma vida nova, desconhecida e mysteriosa.

Já não cuidava tanto do seu negrinho; comtudo, visitava-o todas as noites, buscando pretextos de abbreviar as conversações. O encantado ía cada noite mais triste, e lagrimas ardentes lhe saltavam dos olhos, quando Isabel com infantil galanteria lhe contava os seus amores e esperanças.

— Porque te não alegras commigo? Que tristezas te atormentam?

— As tuas alegrias, meu anjo, as tuas esperanças são a morte do pobre negrinho; que será d'elle quando te não veja?

— Nunca deixarei de ver-te; seria uma ingrata! Olha, — e estreitava-lhe as torneadas mãos de ebano, — ao lado de Cesar estou sempre rindo; contame as suas tumultuosas aventuras que entremeia com graciosas anecdotas; trova-me em lingua toscana e em provençal; nunca se esgota o manancial da sua conversação. Junto de ti, porém, sinto um prazer ineffavel, que talvez seja mais profundo, porque tem alguma coisa de poetico e triste, como tu, e comtigo se me dilata o coração...

— E já me deixas de vez em quando!... Brevemente não virás... esse D. Cesar, tão folgasão e recreativo, quererá todas as tuas horas, todos os teus segredos, e abandonar-me-has... e, quem sabe, se pensarás em vender-me!...

E o negrinho chorava como uma criança.

Como póde enganou-o Isabel, consolando-o.

Na seguinte noite, D. Cesar de Toledo deteve-a em um baile, e Isabel não desceu ao jardim.—Após d'esta passaram dez noites sem que a menina se lembrasse do negrinho encantado.

Todos os preparativos e galas estavam dispostas, a ceremonia devia verificar-se no dia seguinte, e a filha de Pero Antunez, devorada por um vago presentimento, triste por extremo, quasi com as lagri-

mas nos olhos, recordou-se do seu negrinho, dos momentos felizes que passára junto d'elle, e teve remorsos. Despediu D. Cesar, que se foi de mau grado, e ao expirar o ultimo som das doze horas da noite, desceu ao jardim e dirigiu-se ao sitio costumado.

(Continúa)

A CASA DOS BICOS

(Vid. pag. 112)

VI

No ultimo capitulo fizemos a promessa de descobrir a paragem dos ossos do grande Affonso de Albuquerque, tanto a pezar dos moradores de Goa, trazidos a Portugal em 1566, e depostos no jazigo dos Gomides, no convento da Graça de Lisboa. Com os frades d'esta ordem teve o edificador da casa dos Bicos renhida questão, a ponto de fundar em Azeitão uma egreja propria para jazida de tão grande homem.

Mal pensavamos quanta lida nos houvera de causar esta promessa, para a final nos vermos forçados a declarar, que os frades a quem foi confiado tão precioso deposito, ácintemente confundiram estes honrados ossos, tirando-os do jazigo em que estavam para o dar ao outro *bemfeitor* que lhes soube tentar a cubiça!

É a triste, a vergonhosa solução que nos ministram os documentos que havemos descoberto.

Façamos d'elles breve resenha.

No capitulo II dissemos, que o jazigo a que Affonso de Albuquerque se referiu no seu testamento, e no qual mandou se depositassem os seus ossos quando viessem da India, era o dos Gomides, como tambem expozemos no mesmo artigo.

Vamos ver como os frades começaram a esquivar-se ás obrigações que o fundador da capella e jazigo lhes impoz.

Devemos ao illustre e illustrado conde de Peniche, um dos immediatos successores dos vinculos de Affonso de Albuquerque, o obsequio de nos facultar todos os papeis e processos a respeito d'esta questão do jazigo da Graça.

Já notámos a pag. 87 que o fundador do morgado de Villa Verde, dos Albuquerques, fôra Gil Esteves Fariseu, homem riquissimo para aquelles tempos, como se deprehende do seu testamento, o qual tendo adoptado a Gonçalo Lourenço de Gomide, celebre escrivão da puridade del-rei D. João I, o fez herdeiro de quasi todos os seus bens; pondo no testamento com que falleceu esta verba:

«Mando enterrar meu corpo no mosteiro de S. Agostinho da cidade de Lisboa, *dentro no cabido;* e mando com o meu corpo ao dito mosteiro cem livras. Item. Deixo ao dito mosteiro de S. Agostinho o meu casal de Louriceira, com esta condição; que os frades do dito mosteiro me digam para sempre em missas tudo aquillo que o casal render, e isto pela minha alma e de Sancha Annes minha mulher. Item. Mando mais ao dito mosteiro cinco mil livras em herdades, afóra o dito casal, e isto, para refazimento d'uma capella em que me digam em cada um anno as missas, para sempre, pela minha alma e da dita Sancha Annes minha mulher, como dito é.»

Este testamento tem a data de 10 de maio de 1437 (era de Cesar, que corresponde á de Christo 1399).

Dois annos depois, isto é, aos 25 de agosto de 1401 acrescentou o herdeiro estes suffragios pela seguinte escriptura:

«Saibam todos que eu Gonçalo Lourenço, escrivão da puridade del-rei D. João, e eu Ignez Leitoa etc. querendo reconhecer a Gil Esteves e a sua mulher Sancha Annes, moradores que foram na cidade de Lisboa, uma doação que nos fizeram de todos os bens que elles haviam em estes reinos; de nossas livres vontades fazemos pura doação, entre vivos, valedoira para todo sempre ao mosteiro de S. Agostinho da cidade de Lisboa, onde jaz enterrado o dito Gil Esteves, e onde se ha de lançar a dita Sancha Annes, de um casal que nós havemos, que jaz em o termo da dita cidade em logar que chamam a Louriceira. O qual casal damos ao dito mosteiro com a condição que os frades elejam, entre si, um frade ou dois ou mais ou menos segundo as rendas do dito casal, que cantem em cada um dia, e celebrem o officio divino para sempre, pelas almas do dito Gil Esteves e Sancha Annes sua mulher, por guiza que todas as novidades e rendas do dito casal se dispendam em missas cantadas pelas almas dos sobreditos.»

Para que tambem tivesse jazigo e suffragios no convento da Graça, este mesmo Gonçalo de Gomide, fez, passado tempo, outra doação aos mesmos frades de um casal denominado de Casainhos, no mesmo logar da Louriceira, que ficava na aldêa de Bucellas (hoje villa); uma casa na rua dos Douradores, e as tendas (lojas) que tinha á porta de Ferro, com a obrigação de um annal de missas, tres procissões, um anniversario e duas missas officiadas em certos dias, tudo por alma d'elle Gonçalo Lourenço, e sua mulher Brites Leitoa.

Estes, e outros de que não ha tão authenticas memorias, são os avós junto dos quaes o grande Affonso de Albuquerque ordenou, por testamento, se enterrassem os seus ossos.

Que fizeram, porém, os frades da Graça, tão bem dotados, para suffragarem as almas d'estes finados?

Diga-o a seguinte minuta junta á sentença tirada no anno de 1752, de uma demanda que durou dez annos.

«Em 25 de agosto da era de Cesar de 1439, que é o anno de Christo de 1401, nas notas de Pero Esteves de S. Vicente, tabellião de Lisboa, Gonçalo Lourenço de Gomide, escrivão da puridade do sr. rei D. João, o primeiro d'este nome, e sua mulher; Ignez Leitoa, fizeram doação perpetua ao convento da Graça de Lisboa de um seu casal, sito na Louriceira, termo de Lisboa, cujo rendimento annual, inteiro, o dito convento distribuisse em missas e officios quotidianos, pela alma de Gil Esteves Fariseu, e sua mulher Sancha Annes, com a condição de o dito convento o não poder nunca vender, dar, nem alheiar, sob pena, não só de ficar esta doação nulla, mas tambem de que logo o administrador de Villa-Verde tomaria d'elle posse; e o mesmo tambem se o convento faltasse ao inteiro cumprimento das missas e officios quotidianos. Porém, cumprindo pontualmente que os administradores do dito morgado examinassem, visitando assim na egreja do dito convento a satisfação das obrigações pias, como no dito casal o seu estado de conservação, e que por cada visita o administrador do morgado recebesse do convento um carneiro, dois capões, dois alqueires de trigo e dois de cevada, ao que tudo se sujeitou e se obrigou o dito convento.

Pelo juizo da Provedoria das capellas d'esta corte, escrivão Manuel de Pontes, requereu o marquez de Angeja, legitimo administrador do morgado de Villa-Verde, a execução e cumprimento da clausula da instituição expressa na sobredita doação, sobre o que o dito convento veiu com embargos. Teve o marquez sentença a seu favor, em o 1.º de abril de 1748. D'esta sentença embargada pelo convento, saiu outra pelo mesmo juizo, sem embargo dos embargos, em 14 de outubro de 1748. O convento appellou

para a relação: saíu por accordão que fôra bem julgado pelo provedor das capellas, em 7 de fevereiro de 1750: e sendo pelo convento embargado este accordão, saíu outro, sem embargo dos embargos, em 17 de novembro de 1750. Tornando o convento a embargar por via de restituição, saíu, finalmente, accordão contra o dito convento, em 8 de agosto de 1752.

Por fundamento dos embargos de restituição, juntaram os religiosos o testamento de Gil Esteves Fariseu, morador a S. Jorge de Lisboa, feito na era de Cesar, em 10 de maio de 1437, que é o anno de Christo Nosso Senhor de 1399, em que, nomeando por seu herdeiro e testamenteiro a Gonçalo Lourenço, deixou ao dito convento da Graça um seu casal na Louriceira, cujo rendimento, inteiro, applicava, perpetuamente, em missas por sua alma, e de sua mulher Sancha Annes, ditas pelos religiosos do dito convento, e que seria sepultado na casa do capitulo do mesmo convento da Graça: e mais lhe deixava 5:000 libras em herdades, etc.

Para se não confundir este casal, deixado por Gil Esteves com o sobredito casal doado por Gonçalo Lourenço, ambos sitos na Louriceira, como pretendia o convento, se deve reflectir que o testamento de Gil Esteves foi em 10 de maio de 1399; e a doação de Gonçalo Lourenço foi em 25 de agosto de 1401, dois annos depois: pelo que se deve declarar quantos casaes possue o dito convento no logar da Louriceira, para se vir no conhecimento da distincção dos casaes, e se applicar a cada instituição o seu casal.

Como as instituições não declaram o limite e as confrontações dos casaes, será difficultoso distinguil-as; quiçá o mesmo convento não saberá mais d'elles que receber os foros cada anno, que é só o desvelo de quem deseja viver alegre para morrer triste.»

Até aqui vimos que os frades se recusavam a dar conta dos bens que tinham recebido para suffragios; e tambem que esses bens andavam, adrede talvez, misturados, para se não extremarem os que pertenciam a cada uma das capellas. E note-se que nos autos d'onde tirámos estes apontamentos se diz, que já no anno de 1573 o administrador do morgado de Villa-Verde havia feito eguaes instancias baldadamente.

Ainda vivia n'este anno o filho de Affonso de Albuquerque. Seria acaso a esta demanda que elle, tão desgostosamente, allude na verba do seu testamento, que já transcrevemos a pag. 112?

Isto, porém, é insignificante, em comparação do que depois fizeram estes mesmos frades.

Tinha o grande Affonso de Albuquerque disposto na sua ultima vontade: «Declaro que, fallecendo eu n'estas partes da India, o que Nosso Senhor por sua misericordia não permitta, por alguns justos respeitos que a isso me moveram, e por descanço de minha alma, mando que, depois de comesta a carne, os meus ossos sejam levados a Portugal, e se enterrem em Nossa Senhora da Graça, da ordem de Santo Agostinho, onde jazem meus avós.

Quanto custou ao filho cumprir esta piedosa manda de seu pae, o declara elle no ultimo tomo dos «Commentarios», por estas palavras:

Coisa tão desejada de Affonso de Albuquerque, como era trazerem seus ossos a Portugal (como se vê por estas palavras do codicillo), descuido fôra de seu filho passarem-se cincoenta e um annos sem lhe cumprir sua vontade; mas como esta obrigação era de Pero Corrêa, e como testamenteiro era obrigado a fazel-o, fica elle desculpado. O qual Pero Corrêa por muitas vezes pediu a el-rei D. Manuel, que lhe désse licença para os mandar trazer, a qual lhe não quiz nunca dar, dizendo, que em ter os ossos de Affonso de Albuquerque em Goa tinha a India segura. Morto Pero Corrêa, ficou esta obrigação a seu filho, como seu herdeiro, que trabalhou muito com el-rei D. João o Terceiro por haver esta licença, que lhe sempre negou, pelos muitos requerimentos que teve dos moradores de Goa, e de toda a India, que lh'a não désse; e depois de seu fallecimento, governando a rainha D. Catharina nossa senhora estes reinos por el-rei D. Sebastião seu neto, tornou outra vez a este seu requerimento, e passaram-se alguns annos sem o poder acabar, que lhe foi necessario haver uma bulla do papa com grandes excommunhões aos moradores de Goa, que o não impedissem: (parece que não era ainda a hora chegada.) Havida esta licença da rainha nossa senhora, porque já ahi não havia quem na impedisse, e indo D. Antão de Noronha á India por viso-rei, que poz força com a sua auctoridade a mandal-os, chegaram ao porto de Lisboa a seis dias do mez de abril de 1566. E da nau em que vinham foram tirados e levados á casa da Misericordia, sendo Ruy Lourenço de Tavora provedor, acompanhados de muitos fidalgos, e alli estiveram alguns dias, coberta a tumba com um panno de veludo carmesim com muitos clerigos que o acompanhavam, e diziam cada dia missa por sua alma, em quanto se dava ordem a se levarem á capella-mór de Nossa Senhora da Graça, *que seu filho dotou de grossa renda para seu enterramento.*

Estando tudo prestes, um domingo dezenove dias do mez de maio foram juntos na casa da Misericordia todos os senhores e fidalgos, que havia na corte, para acompanharem estes ossos, e d'alli saíram em procissão, indo diante a bandeira da Misericordia com toda a irmandade: após ella os frades franciscos e agostinhos, e toda a cleresia da cidade, com tochas nas mãos, e no couce o cabido da Sé de uma parte, e D. Affonso Henriques Adaião del-rei com toda a capella da outra, e após elles a tumba, onde iam os ossos, que levavam os irmãos, coberta por cima com um panno grande de téla de oiro, e diante ia o provedor com sua vara na mão, e Affonso de Albuquerque seu filho de uma parte, vestido em um capuz de dó, com a cabeça descoberta, e da outra parte André de Albuquerque seu sobrinho, da mesma maneira, e detraz da tumba o duque de Aveiro, e seus filhos, e irmãos, e todos os mais senhores, e fidalgos, e prelados, que a este tempo estavam na corte. A gente do povo era tanta, que não cabia pelas ruas, e assim n'esta ordem foram caminhando em procissão, e por todas as egrejas por onde passavam se dobravam os sinos, e chegaram a Nossa Senhora da Graça, e na capella-mór estava um estrado alto de dois degraus, que quasi a tomava toda, cercada de todas as quatro partes com muitas tochas, e alcatifado de muitas alcatifas, e alli pozeram a tumba, em que os ossos iam mettidos, forrada de téla de oiro, acompanhada de muitos criados seus, vestidos todos de dó. E sobre esta tumba estavam dependuradas tres bandeiras das côres e divisas dos tres reinos, que o grande Affonso de Albuquerque ganhou aos moiros na India. Em riba d'estas bandeiras estava a bandeira real, que lhe el-rei D. Manuel entregou, como atraz fica dito, muito rôta e velha, a qual lhe foi entregue a seis dias do mez de abril do anno 1506. E havendo sessenta annos que d'aqui partira, os ossos a tornaram a entregar no mosteiro de Nossa Senhora da Graça, da ordem de Santo Agostinho, cheia de muitas victorias, que houve na India, debaixo d'aquelle signal da cruz, reinando el-rei D. Sebastião nosso senhor; e depois de estar tudo quieto, começou mestre fr. Sebastião Toscano sua prégação, da qual não dou rezão n'estes Commentarios, assim por não fazer grande volume, como tambem por andar impressa.

(Continúa)

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — Rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio.